

O USO DE MINI-AULAS COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ALUNO-PROFESSOR

Arlete Mendes da Silva¹
Marcos Augusto Marques Ataídes²

RESUMO: O presente trabalho é uma reflexão sobre a prática pedagógica no processo de desenvolvimento do Estágio Supervisionado e das aulas de Prática de Ensino no Curso de Licenciatura em Geografia da UEG - Anápolis. Este estudo tem nos mostrado caminhos e instrumentos para compor um conjunto de métodos e técnicas que objetivam preparar cada vez melhor nosso aluno para o cotidiano escolar. É nessa perspectiva que se lança mão da prática de *mini-aulas* como ferramenta no processo de formação do aluno – professor que, não obstante estar num ambiente que lhe é próximo e familiar, a *sua* sala de aula, constitui numa oportunidade de “ensaiar” ou “treinar” a futura profissão de Professor. Nessa construção teórica e prática por parte dos professores e dos alunos na realização das mini-aulas é desenvolvida uma dinâmica em que o exercício de ministrar aulas deixa de ser um “tormento” para os acadêmicos passando a constituir em uma importante fase / etapa na formação didática e pedagógica do futuro docente. Para tanto, algumas categorias foram indicadas para se refletir e pensar sobre essa ferramenta metodológica. Tais pontos de análise constituem os parâmetros que são utilizados para compor, conduzir, amparar, realizar e avaliar a *práxis* do Aluno – Professor por meio das mini-aulas. As categorias são: exposição de conteúdo; abordagem teórica; metodologia aplicada e produção de material didático.

INTRODUÇÃO

É de suma importância a forma pela qual o futuro Professor é preparado e inserido na atividade pedagógica e no cotidiano escolar. Por parte do aluno, tem-se nas atitudes empreendidas, nos procedimentos escolhidos e nas informações expressas, durante o desenvolvimento das disciplinas de Estágio e de Prática de Ensino, a evidência da presença (ou até mesmo da ausência) da qualidade e substância nas quais este aluno – professor foi gerado e concebido e, ainda, na

¹ Profa. Msc. Curso de Geografia / Disciplinas: Estágio Supervisionado e Prática de Ensino – Universidade Estadual de Goiás; Professora na Rede Municipal de Ensino de Anápolis e Pesquisadora nas áreas de Ensino, Cultura e Turismo. E-mail: etelra19@yahoo.com.br

² Prof. Msc. Curso de Geografia / Disciplinas: Estágio Supervisionado, Prática de Ensino e Geografia Política e Espaço Mundial – Universidade Estadual de Goiás; Professor na Rede Municipal de Ensino de Goiânia e Pesquisador nas áreas de Ensino e Geografia Política. E-mail: ataides352000@yahoo.com.br

concretude de ações que este terá na sua futura atitude enquanto professor, que mais tarde se traduzirá na sua *prática pedagógica*.

Enfatizamos a importância do saber didático-pedagógico que as intenções, os objetivos e os procedimentos concatenados à estrutura curricular e aos conteúdos a serem ministrados, nesse caso *conteúdos geográficos*, evidenciam as bases de construção teórica e metodológica do que ora chamamos de “aluno – professor”³. Sabe-se que tal formação não se dará no *momento – aula* da orientação do Estágio Supervisionado, nem tão pouco nas aulas de Prática de Ensino e sim no constructo da aprendizagem e da própria formação acadêmica e geográfica de cada aluno no decorrer do curso e na sua experiência como profissional na área do ensino.

Sabe-se que o conteúdo e a forma, ou seja, a prática pedagógica pela qual o saber geográfico é expresso segue, em sua maioria, a orientação e a organização dos programas estruturados nos currículos programáticos (manuais oficiais) e também por meio dos livros didáticos. Desse modo, torna-se de fundamental importância o material didático – pedagógico utilizado pelo professor, haja vista ser um dos elementos determinados pelo método de ensino a ser praticado em sala de aula.

O que mais se tem observado durante a ministração das disciplinas de Estágio Supervisionado e de Prática de Ensino é a desarticulação entre os procedimentos metodológicos e a intenção do aluno – professor, bem como os objetivos dos temas a serem explicados. Isso mostra, efetivamente, a falta de domínio sobre os elementos básicos da didática. Sabe-se que a utilização de diferentes procedimentos no ensino possui a finalidade de diversificar as atividades mais do que atender propriamente aos objetivos propostos, o que acaba determinando o tipo (nível) de informação a ser evidenciada no saber / conteúdo geográfico. Vieira traz luz a essa discussão quando enfatiza que:

Essa relação dialética, determinante – determinado, entre o saber e a organização didática estruturada na prática pedagógica -, corresponde também à intenção e à concepção de ensino do professor. A concepção do saber geográfico tradicional projetam um saber didático – pedagógico que se materializa na mesma correspondência, em procedimentos especificados para catalogação de aspectos contidos na paisagem (1998, p. 90).

É nessa perspectiva de conhecimento, posicionamento e diferenciação dos níveis conceptivos da ciência geográfica e da vivência acadêmica aliada ao contexto sociocultural do aluno – professor que se dará, o que o autor distingue como *o movimento dialético mais importante das determinações do saber geográfico*. Esse movimento pode ser evidenciado em duas dimensões: pela forma de aplicação dos conhecimentos e pelo próprio cotidiano (experiência) do aluno – professor.

³ Utilizamos, para este trabalho, o termo *aluno – professor* para designar o acadêmico que está iniciando suas atividades didático – pedagógicas por meio das disciplinas de Estágio Supervisionado I e Prática de Ensino I.

Desse modo, pode-se inferir que é na maneira de apreender e praticar os saberes que se manifesta a essência do saber: *o saber de vivência*⁴. “A maneira de vivenciar os procedimentos e os conteúdos sinaliza a forma de uso dos saberes, o tipo de informação e a sua necessidade” (Idem, 1998, p. 91).

MINI-AULAS: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO “ALUNO – PROFESSOR”

Concomitantemente, tem-se na atividade de mini-aulas o importante objetivo de contribuir com o processo de formação do aluno – professor como uma importante tarefa a ser desenvolvida por parte destes no início da semi-regência⁵ na escola – campo.

Não obstante, por meio dessa prática, o acadêmico passa a perceber o espaço da sala de aula, desenvolve habilidades e competências relacionadas à sua área do conhecimento desenvolvendo estratégias de ensino satisfatórias com base na ação - reflexão - ação. Nesse mesmo entendimento, Barreiro & Gebram (2006, p. 35-36) ressaltam que:

No campo de formação de professores (e das práticas), partilhamos das idéias dos autores que, ao se contraporem aos praticismos da ação docente, defendem que as práticas devem ser nutridas pelas teorias, num processo de ir e vir, que conduz à ação – reflexão - ação, na qual teoria e prática vão se constituindo, modificando-se e interferindo no real. Para tanto, a formação de professores deve se pautar por paradigmas orientados por um ensino crítico, de modo que a prática docente seja decorrente não só da compreensão dos processos de ensino - aprendizagem, como também do contexto social em que ela acontece.

Desse modo, é como *estudante* e também como *professor* que, no momento do exercício da mini-aula, o aluno – professor, ao praticar e aplicar o conteúdo escolar, forja a base de seus saberes científico e pedagógico que serão utilizados no trabalho com os alunos na fase de regência e como futuro professor em sua *práxis* docente. E ainda,

(...) atividades de micro ensino, mini-aulas e dinâmica de grupo também ilustram a perspectiva em estudo. O entendimento da prática presente nessas atividades é o desenvolvimento de habilidades instrumentais necessárias ao desenvolvimento da ação docente. Um curso de formação estará dando conta do aspecto prático da profissão à medida que possibilite o treinamento em situações experimentais de determinadas habilidades consideradas, *a priori*, como necessárias ao bom desempenho docente (PIMENTA & LIMA 2004, p.38).

⁴ Diz-se de “um saber que extrapola a escolarização, que é configurado na dinâmica de existência do próprio sujeito, que transcende o Ser – estudante e o Ser – profissional. Saber esse que é estabelecido ao longo de uma prática exigida na relação com o mundo, e que, ao mesmo tempo, projeta uma finalidade” (VIEIRA, 1998 p. 91).

⁵ A fase de *semi – regência* é aquela em que o aluno auxilia o professor titular em suas atividades docentes e inicia seu contato com os alunos e com as demais atividades pedagógicas na escola - campo.

É esse “treinamento em situações experimentais”, citado pelas autoras, a mais próxima ilustração do que vem a ser a “mini-aula” como estratégia de ensino na formação do aluno - professor. Para tanto, definiu-se algumas categorias para analisar e contribuir no processo de preparação, execução e avaliação desse exercício pedagógico, a mini-aula. São elas:

A *Exposição de Conteúdo* = é observada a capacidade do aluno em dominar o conteúdo a ser ministrado, bem como a clareza de suas exposições e explicações, dada a importância do ensino da Geografia, por não ser uma prática neutra perante as concepções de vida, de sociedade e de mundo. E mais ainda, o objetivo do estudo geográfico na escola é possibilitar a compreensão do espaço geográfico, entendido como espaço social, em movimento, fruto da relação entre natureza e sociedade. O domínio de conceitos geográficos passa a ser uma necessidade para os futuros professores (as) entenderem a construção e aplicabilidade desses conceitos na realidade escolar (CAVALCANTE, 2002);

A *Abordagem Teórica* = relaciona-se à cientificidade, qualidade, pertinência e forma de transposição dos conteúdos estudados na academia e a forma de ensiná-los aos alunos do Ensino Fundamental e Médio. Há grande dificuldade, por parte dos alunos estagiários, no desenvolvimento da mini-aula no que diz respeito a essa categoria. Eles, ao entrarem em contato com a realidade da escola – campo e com os conceitos geográficos preparados por eles durante as mini-aulas demonstram *conceitos* retirados do senso comum e com baixo nível de cientificidade. É como se o que fosse estudado durante todo curso só tivesse utilidade para as avaliações das disciplinas acadêmicas, não demonstrando maiores habilidades de análise e de reflexão teórica. Daí a dificuldade na transposição didática dos conteúdos que, sem a necessária ampliação e solidificação, cai no *conteudismo* em que se dá atenção, quase que exclusiva, a conhecimentos e conceitos “prontos” que não leva o aluno a construir e refletir sobre o que aprende. O aluno – professor não consegue fazer relações entre o conteúdo acadêmico com os conteúdos que ele deverá ensinar nas diferentes etapas da educação básica. Para ilustrar essa situação, Cavalcante (1.998, p. 170) dá exemplos em um dos seus estudos sobre formação de professores:

(...) considere-se o que foi dito sobre paisagem pela professora F. Para ela, paisagem lembra natureza em geral e, para isso, caracteriza-a pelo que se vê da janela de um carro, numa viagem em que “você vai olhar através da janela”. A mesma conotação aparece quando diz: “pro lado de Senador Canedo tem um morro lá que chama bastante atenção”. Seu depoimento destaca-se aqui não apenas pelo conteúdo, em que a idéia de paisagem se restringe a uma vista bonita, mas, também, por se tratar de uma professora que cursava, na época da entrevista, o último ano de Bacharelado em Geografia. É difícil pensar que, em nenhum momento do curso, não se tenha trabalhado com profundidade e com significados diferentes o conceito de paisagem, de acordo com linhas teóricas adotadas.

A *Metodologia Aplicativa* = diz-se da adequação do conteúdo à série de ensino, idade dos alunos e da forma de apresentação do conteúdo em que as práticas materializadas retratam formas

de mediação, de intersubjetividade que projetam diferentes tipos de desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos. A forma, as técnicas, os instrumentos, enfim a metodologia aplicada compreende desde a transmissão de informações e definições, estipuladas nos programas oficiais e livros didáticos, até a interação cuidadosa entre os saberes, a fim de desenvolver aptidões cognitivas e emotivas que possibilitem a compreensão da realidade por parte dos alunos (VIEIRA, 1998). O trabalho de escolher e compor a metodologia que será aplicada para se ensinar e apreender determinado conteúdo pressupõe a criação de competências em que o aluno – professor consiga incorporar a esse *conteúdo* a significação / aprendizagem que é almejada pela intenção no planejamento da aula.

A *Produção de Material Didático* = são atividades criativas e exeqüíveis que reflitam sobre a possibilidade de efetiva aprendizagem por parte dos alunos nas quais as habilidades e competências do aluno – professor estarão sendo demonstradas. Acredita-se que ao planejar atividades de introdução, fixação e revisão de conteúdos abre oportunidades para o aluno expandir seus conhecimentos extrapolando o *momento – aula* em que seu interesse pela atividade seja aguçado com desafios e interessantes propostas de trabalho. Isto porque

as formas tradicionais de ensino estão se esgotando em si mesmas. Os alunos em geral estão muito distanciados daquilo que a escola faz. O prazer de poder aprender e de aprender de fato foi há muito sendo substituídos pela obrigação, pelo dever de ir à escola. O mercado de trabalho está a exigir profissionais criativos e com grande conhecimento, mas, acima de tudo, com capacidade de engendrar soluções para os problemas que a sociedade sucessivamente vem apresentando (CALLAI, 1999 P. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na intenção de não concluir, mas possibilitar uma discussão em torno dessa ferramenta de ensino (mini-aulas) muito utilizada nos cursos de formação de professores, lembramos de uma recente pesquisa realizada pelo Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG) a respeito das concepções de Geografia dos professores da Rede Estadual de Goiás. Na oportunidade, constatou-se que a maioria dos entrevistados apresenta uma visão tradicional do ensino de Geografia, já que de 150 respostas, 94 foram consideradas tradicionais⁶. Essa visão tradicional reforça os dados obtidos por Cavalcante (1998) em sua tese de doutoramento que comprova: *os alunos no terceiro grau têm dificuldades em internalizar os conceitos estudados durante o curso.*

⁶ Os dados dessa pesquisa encontram-se no livro Formação de Professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino de Geografia, publicado pelo NEPEG em 2008, Org. Zanatta, Beatriz Aparecida. Souza, Vanilton Camilo de. Edtiora Vieira. Goiânia.

Em outros estudos já realizados e em relatos observados durante as aulas nas escolas – campo, feito pelos estagiários, são comuns os apontamentos sugerindo que estudantes do ensino fundamental e médio possuem grande dificuldade de internalizar conceitos da Geografia e desenvolver noções do espaço geográfico relacionando-o com sua realidade. Ainda, conforme os mesmos estagiários seria a falta do domínio conceitual dos professores a causa provável da insegurança e superficialidade conceitual dos alunos.

Daí resta-nos refletir a respeito da questão: professores com má formação reproduz alunos (des)informados ou seria uma repetida (e conhecida) transferência de responsabilidade?

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. AVERCAMP. São Paulo, 2006.

CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da Geografia**. Editora Unijuí. Coleção livros de bolsa, Rio Grande do Sul, 1999.

CAVALCANTE, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de conhecimentos**. Campinas SP, Papyrus, 1998.

_____, **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia, GO. Alternativa, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. Editora Cortez. (Coleção docência em formação - Série Saberes Pedagógicos) São Paulo, 2004.

VIEIRA, João Roberto. **Uma abordagem Fenomenológica do Saber do Professor nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. Revista Espaço e Geografia. Departamento de Geografia – GEA. Nº 1 Ano I, UNB. Brasília, 1998.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. SOUZA, Vanilton Camilo de. (ORGs) **Formação de Professores: Reflexos do atual cenário sobre o ensino da Geografia**. Editora Vieira. Goiânia, 2008.